

EFEITOS PSICOLÓGICOS DO *BULLYING* AOS ALUNOS LGTBTS NA REDE ESCOLAR DE ENSINO NO NÍVEL MÉDIO

Wagner Grizorti¹

Resumo:

Esta pesquisa visa oferecer compreensão e esclarecimento sobre os efeitos psicológicos; as causas cognitivas e afetivas que o bullying provoca e seus tipos de violência presentes no contexto escolar direcionado ao ensino médio. Foi realizada uma discussão crítica da literatura por meio de referência a quatro autores. Considerando autores específicos sobre o tema foram selecionados para análise, essas publicações foram lidas na íntegra e analisadas quanto à autoria, ano de publicação, participantes da pesquisa, instrumento utilizado para a coleta de dados e para descrição dos principais resultados, foco de análise e discussão sobre o tema. Os resultados indicam uma pesquisa crítica sobre os efeitos psicológicos do bullying no ensino médio no ambiente escolar. Pode-se destacar que esses autores, citados nesta pesquisa, promove um vasto conhecimento teórico de publicações sobre a dinâmica dos efeitos emocionais do bullying, embora haja diversos artigos com relatos de programas de intervenção antibullying na área educacional, vejo que este artigo pode destacar por meio de um análise critica um novo viés de conhecimento ao corpo estudantil.

Palavras-Chave: *Bullying*, Escola, Violência, Gênero, Diversidade Sexualidade.

1. INTRODUÇÃO

Escolhi este tema, pois como docente sentia muita discriminação e até mesmo descaso por falta de informação e por um contexto histórico social colonial, por parte de professores que atuam na escola, sem informação, já que não havia nenhum conhecimento na capacitação

¹ Acadêmico da Especialização em Gênero e Diversidade na Educação sobe orientação do Docente DR. Marcos de Jesus Oliveira – UNILA – Universidade Federal da Integração Latino – Americana – 2019/2021 - E-mail: wagnergrizorti@gmail.com

docente sobre o tema LGBT². Poucos se dedicam a analisar questões comportamentais pertinentes ao meio escolar, focam majoritariamente em levar seus conteúdos explicitados na lousa ou no *Power point*, visto que, esta é uma época em que os alunos estão vivendo mudanças significativas. Além disto, é do senso comum que os professores que trabalham nestas séries são mais resistentes às mudanças, especialmente à introdução das novas propostas pedagógicas.

A pesquisa foi estruturada no sentido de capturar discursos através de pesquisa bibliográfica, transcrevendo-a nos seus materiais de pesquisa os seus desejos, preferências, motivações, dificuldades e conflitos na temática do *bullying* com tema LGBT. De início, defino os objetivos que direcionaram a investigação e, a seguir, apresento procedimentos metodológicos aplicados em uma construção qualitativa nas informações trazidas por esses autores citados acima. A diversidade sexual vem dessa forma, modificar a desigualdade e o preconceito. Ao trazer um debate e análises dos conteúdos dos programas oficiais no sentido de buscar respostas para a problemática sexual humana. Dar um enfoque libertador e não liberalizado do indivíduo, levando-se em conta a globalidade do mesmo, a dignidade da pessoa e os valores humanos universais e democráticos.

Segundo Fante (2005), o *bullying* é o termo utilizado para descrever atos de violência física e psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir o outro que é incapaz de se defender. É um problema atual em muitas escolas, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: pública, privada, rural ou urbana e vem sendo disseminado largamente nos últimos anos, constituindo um problema preocupante para alunos, pais, professores e profissionais do serviço social. Diante destas evidências, o presente estudo teve como objetivo, a partir da revisão bibliográfica, analisar quais os efeitos do *bullying* para os adolescentes.

Esta pesquisa está organizada de forma contextualização dos seus aspectos históricos, buscou uma análise sobre a escola e sobre o Ensino Médio, com atenção especial quanto a sua finalidade é de apresentam os conceitos e o histórico do *bullying* inclusive no ambiente escolar, demonstrando o perfil psicológico do agressor e da vítima que sofre *bullying*, bem como os

2 Atualmente o termo LGBT é o mais utilizado, representando: lésbicas, gay, bissexuais, travestis e transsexuais. O termo foi aprovado no Brasil em 2008 em uma conferência nacional para debater os direitos humanos e políticas públicas de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais.

tipos de *bullying* mais frequentes, segundo a literatura. Por último, são tecidas as considerações finais.

Pesquisas no ano de 2017 pela UNESCO³ com adolescentes brasileiros gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros mostra que 73% sofrem *bullying* e 37% já apanharam na escola. Os números foram apresentados em audiência pública promovida pela Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH). A análise de dados foi feita de janeiro a março por organizações não governamentais em seis países da América Latina: Argentina, Brasil, Peru, Colômbia, Uruguai e Chile. O objetivo era detectar problemas sofridos pelos alunos LGBT. Os resultados podem ajudar os governos em políticas que melhorem o ambiente escolar prevenindo, por exemplo, o suicídio juvenil. O Senado da República⁴ solicitou uma análise de dados sobre *bullying* LGBT no Brasil, foram ouvidos 1.016 estudantes de 13 a 21 anos. Sessenta por cento disseram se sentir inseguros na escola, 73% foram agredidos verbalmente, 48% ouvem comentários homofóbicos e 27% foram agredidos fisicamente. Já 36% acham a escola ineficaz para evitar agressões.

Esta pesquisa busca o propósito de traçar um quadro sobre o fenômeno *bullying* e os efeitos psicológicos que isso pode afetar na realidade das escolas públicas de Ensino Médio, principalmente diante da ausência de pesquisas sobre este assunto na realidade local. Espera-se, que com os dados levantados, as instituições educacionais possam intervir e planejar ações de combate a toda forma de violência, especialmente o *bullying*, *tratando e entendendo as reações psicológicas*.

2. DISCUSSÃO DE ANÁLISE

Esta pesquisa é de análise crítica sobre o tema, realizada com base em quatro autores, Ciara Molina, Cléo Fante, Lara Antiquino e José Ignacio Pichardo Galán foram escolhidos, pelo interesse e apreciação do autor deste trabalho, que propõe uma clareza na escrita. Partindo de uma análise de estudo crítico em que garante a confiabilidade dos resultados obtidos por esses autores.

3 Disponível em: <http://ubes.org.br/2017/precisamos-falar-sobre-bullying-lgbt/> acesso no dia 18/06/2020 às 21:00 horas.

4 Disponível em: <https://senado.jusbrasil.com.br/noticias/407380954/pesquisa-revela-que-adolescentes-lgbt-sofrem-bullying-e-se-sentem-inseguros> acesso no dia 19/03/2020 às 11:00 horas.

2.2 REFLEXÃO DOS RESULTADOS

A primeira publicação de artigo científico sobre *bullying* escolar é de Fante (2005). Ao total, foram encontrados 16 artigos científicos publicados entre 2005 e 2017, por esses autores. Nos anos de 2005, 2010 e 2017, foram publicados, respectivamente, 5, 8 e 3 artigos científicos. Quanto ao processo de categorização dos artigos, foram reunidas cinco categorias temáticas, considerando os temas que foram centrais na discussão dos artigos: caracterização do *bullying* escolar; efeitos emocionais e psicológicos e a repercussões do *bullying* escolar; identificação, prevenção, intervenção e políticas públicas; escola; análise social do *bullying* escolar.

O discurso dos autores nas questões propostas do tema *bullying* LGBT⁵ é uma das melhores formas de se esclarecer o próprio sistema de valores sobre o tema, os mesmos trazem a importância dos professores de ter as informações necessárias para responder o que lhe é perguntado, revisando suas atitudes em relação ao tema. Eles buscam trazer nos seus textos uma clareza de que não devem realizar um confronto consigo mesmo, puxando o assunto para um lado ou para o outro. Enfatizam que o tema é muito delicado e que antes da realização do debate este deve realizar leituras, informar-se sobre as mesmas e ter confiança no que está passando. Os autores nos trazem que os alunos se mostraram muito interessados em discutir esse tema que é de grande interesse de todos, mais que falta é conhecimento.

Os mesmos realizaram para escreverem os livros se deram em clima de animação e controvérsias. As respostas dos alunos variaram bastante, porém revelaram em muitos casos, os mitos existentes em torno da homossexualidade, relatos de um trabalho em sala de aula muito gratificante por ter colocado o conhecimento científico ao lado do empírico e por ter chegado a um consenso entre os mesmos de que muito do que se fala ou do que se ouve não é a realidade dos fatos.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO BULLYING

Calhau 2010 relata em sua pesquisa que os estudos sobre a violência no contexto escolar revelam que foi na década de 1970, na Suécia, que surgiu um maior interesse da sociedade

⁵ Atualmente o termo LGBT é o mais utilizado, representando: lésbicas, gay, bissexuais, travestis e transsexuais. O termo foi aprovado no Brasil em 2008 em uma conferência nacional para debater os direitos humanos e políticas públicas de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais.

sobre a questão, estendendo-se em seguida para vários países. Na Noruega, doze anos mais tarde, em 1982, ocorreu o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, motivadas pela situação de maus-tratos a que eram submetidas pelos seus companheiros da escola. O fato teve grande repercussão nos meios de comunicação da época, mobilizando o governo Norueguês que chegou a organizar uma campanha nacional contra o *bullying* no ano seguinte, nos Estados Unidos o tema é de grande interesse, pois este fenômeno cresce a cada dia. No Brasil, está em fase de compreensão da população, por ser um assunto em alta na mídia, nas rodas de amigos e na escola. Apesar da grande repercussão que vem tendo, ainda está há 15 anos de atraso em relação aos estudos, tratamento e comportamento, comparados aos países europeus.

O primeiro pesquisador a relacionar a palavra *bullying* a um fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, no fim da década de 1970. Ao estudar as tendências suicidas entre adolescentes, ele descobriu que a maioria desses jovens havia sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, o *bullying* era um mal a ser combatido. A fim de analisar as tendências de tais violências, o pesquisador aplicou um questionário junto a alunos e professores para compreender diferentes definições do fenômeno nas escolas e identificar o que determinaria que um aluno fosse vítima de *bullying*. Os resultados obtidos indicam que normalmente a vítima é mais fraca, com uma aparência que foge ao padrão e pode ser portador de necessidades especiais (Fante, 2005).

Fante (2005) revela que o *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por uma ou mais pessoas contra outra pessoa, causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre os alunos e o desequilíbrio de poder são as características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima e sua defesa é dificultada pela ausência de motivos que justifiquem os ataques, os sentimentos negativos mobilizados, e as sequelas emocionais são reações vivenciadas pelos vitimados. Um dos exemplos é este que aconteceu na cidade de Taiúva cidade de São Paulo:

Em janeiro de 2003 na cidade de Taiúva, no interior paulista um tímido jovem de 18 anos, depois que concluiu o ensino médio, atirou contra 50 pessoas durante o horário de recreio da escola onde estudava. Atingiu oito pessoas e depois se matou com um tiro na cabeça. As vítimas sobreviveram, porém, uma delas ficou paraplégica. (FANTE, 2008, p. 20).

Segundo Rolim (2010), o *bullying* é um conceito distinto e muito bem definido, uma vez que não se parece com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, talvez a mais grave, se trata dos traumas causados ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários contextos: nas escolas, nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho, nos asilos de idosos, nas prisões; enfim, onde existam relações interpessoais.

Infelizmente, vivemos numa sociedade extremamente individualista e capitalista, onde o ser humano, para muitos deixou de ser o próximo e passou a ser apenas um meio para que possa alcançar suas 'felicidades', que apenas junta dinheiro e adquirir bens. (CALHAU, 2010, p.4)

Há o perigo de o individualismo começar nas próprias casas, impedindo as pessoas de perceberem os conflitos e as transformações pelos quais passam. Além disso, é imprescindível que sejam revistos os modelos domésticos que giram em torno de parâmetros éticos e solidários com essa individualidade vivida pela sociedade, que busca sempre ter mais a qualquer custo. Os adolescentes acabam assimilando esse comportamento dentro da própria família, que por sua vez reflete na escola ocasionando muitas vezes fatos como o *bullying*.

A pesquisadora Cléo Fante foi a primeira a fazer um estudo mais sistematizado sobre o *bullying* no Brasil, lançando o livro “*Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*” (2008). Após a publicação, a autora passou a ser considerada pioneira a respeito da problemática *bullying* no âmbito educacional brasileiro. Iniciou na região de São José do Rio Preto em São Paulo, no ano de 2000, o Programa Educar para Paz, que durou até 2003, e teve a participação de dois mil alunos. A mesma dirige o CEMEOBES (Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre *Bullying* Escolar) em Brasília e promoveu em 2006 o “1º Fórum Brasileiro sobre *bullying* Escolar” iniciando e consolidando os debates em torno da problemática no Brasil.

Por meio do “Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes” em escolas do Rio de Janeiro, em 2002, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência), que surgiu em 1990 com objetivo de defender e promover os direitos das crianças e adolescentes, constatou que o fenômeno *bullying* está presente nas escolas brasileiras e apresenta índices preocupantes.

A constatação de que o adolescente está sendo alvo de perseguição são os seguintes indicadores: quando demonstram falta de vontade de ir à escola; sentem-se mal perto da hora de sair de casa; pedem para trocar de escola; revelam medo de ir ou voltar da escola e pedem sempre para ser levado; mudam frequentemente o trajeto entre a casa e a escola; apresentam baixo rendimento escolar; voltam da escola, repetidamente com roupas ou livros rasgados; chegam muitas vezes em casa com machucados inexplicáveis; tornam-se pessoas fechadas e arredias; parecem angustiadas; ansiosas, deprimidas; apresentam manifestações de baixa autoestima; têm pesadelos frequentes, chegando a gritar “socorro” ou “me deixa” durante o sono; “perdem” repetidas vezes, seus pertences, seu dinheiro; pedem sempre mais dinheiro ou começam a tirar dinheiro da família; evitam falar sobre o que está acontecendo, ou dão desculpas pouco convincentes para tudo; passam a apresentar sinais de (diarreia, vômito, dores abdominais, asma, insônia e pesadelos) e problemas emocionais (como tristeza, depressão) ou sociais (como isolamento e não participação em atividades de grupo); tentam ou cometem suicídio.

Em uma reflexão mais profunda, é possível perceber claramente que o *bullying*, é um fenômeno cruel e silencioso, não traz somente consequências negativas para o ambiente escolar, tendo em vista que a sociedade nada mais é do que o resultado das atitudes de cada um de seus membros, essas relações desestruturadas na juventude, quando da formação de valores e do caráter, irão refletir duramente ao longo da vida desses alunos.

De acordo com os estudos de Neto (2005), o *bullying* pode ocorrer especialmente de duas formas, direto ou indireto, sendo o direto quando há ataque efetivo contra alguém e na sua presença por meio de apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais, ou expressões e gestos que geram mal estar e indireto, quando a vítima está ausente.

Para Fante (2008), o *bullying* pode ser destacado em dois papéis: o *bully* é quando os agressores se caracterizam por forçarem as vítimas ao isolamento social e o *bullies*, que se caracteriza quando a vítima é de fora do relacionamento, dando a entender que o poder do agressor depende somente da percepção da vítima, que parece estar a mais intimidada para oferecer alguma resistência. Esta violência, tanto na forma psicológica, quanto na forma física passa, na maior parte das vezes, despercebida aos olhos dos pais, dos professores e da sociedade em geral. A vítima de *bullying* pode sofrer este tipo de maltrato durante muito tempo sem que ninguém perceba o que está se passando. O agressor exerce uma enorme pressão, incutindo medo e ameaçando retaliação, para que a vítima se mantenha em silêncio. Muitas vezes, os pais

e os professores só notam que se está passando alguma coisa grave quando observam os efeitos dos danos desta pressão, que se manifestam sob a forma de fobia à escola, baixo rendimento escolar e depressão.

Os maus-tratos repetidos podem ao longo do tempo causar graves danos ao psiquismo e interferir negativamente no processo de desenvolvimento cognitivo, emocional, sensorial e socioeducacional. Quando os ataques são crônicos, as vítimas podem se tornar agressoras; em casos extremos, muitas vezes resultam em tragédias escolares, como as de Columbine (1999) e Virginia Tech (2007), nos Estados Unidos, as de Taiúva (2003) e Remanso (2004), no Brasil, e Finlândia (2007) (Fante, 2008, p. 2)

Portanto, é essencial considerar que os aspectos relativos à autoestima de um adolescente contribuem para uma possível posição de vítima ou agressor de seus pares, ainda discernir qual é o papel que a família ocupa na construção dessa autoestima e sua repercussão na vida adulta. Uma importante implicação do *bullying* é a possibilidade de a vítima reproduzir nos menores ou mais frágeis, os abusos que sofre em casa ou na escola.

4. REPERCUÇÃO DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLA

O Brasil é considerado um dos 10 países mais ricos do mundo, porém um dos maiores problemas ocorre justamente no acesso à educação. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008) apontam que a desigualdade e a escolaridade se diferenciam a partir do rendimento familiar. Em 2001, foi constatado que 15 milhões de brasileiros, ou seja, 12% da população, ainda era analfabeta e pertencia às famílias consideradas mais pobres.

Neste sentido a escola passa a ser vista como espaço privilegiado de educação, a qual deve assumir seu papel decisório que é o de garantir o desenvolvimento de ideias, de atitudes e de conhecimentos que proporcionem ao educando sua incorporação eficaz no mundo civil, no âmbito da liberdade de consumo, da liberdade de escolha e participação da liberdade de escolha e participação política, da liberdade e responsabilidade na esfera da vida familiar e pública (Gomes, 2000). Deste modo a escola, instituição que tem por finalidade maior a formação e educação do ser social que a frequenta, está inserida neste contexto agregando diferentes culturas, maneiras de pensar e agir. Nesta perspectiva de diferentes modos de agir e pensar e da liberdade de escolhas, a escola pode ser considerada ambiente propício ao *bullying*. Esse tipo de comportamento interfere nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os

mais fracos em objetos de prazer ou diversão, através de brincadeiras que mascaram o propósito de maltratar ou intimidar impossibilitando a vítima de se defender, e ainda essa não consegue alguém que a defenda dos agressores pelo fato do *bullying* ser confundido com outras formas de violência.

Segundo Fante (2008), o termo *bullying* é usado para definir as atitudes agressivas de um indivíduo contra outro. É comum que sem motivo plausível, alguns deles começam a insultar ou intimidar, colocando apelidos ou fazendo gozações com o intuito de magoar e “infernizar” a vida dos demais. Conhecer sobre a violência escolar, consiste em um ganho na medida em que possibilita a sua compreensão fundamentada num contexto social, histórico, cultural, em que se dá com vantagens de poder resolver ações, comportamentos e situações diferenciadas que envolvem indivíduos distintos que são: professores, alunos, membros da comunidade e demais membros da comunidade escolar.

Dentro da perspectiva já confirmada de que o *bullying* sempre existiu nas escolas, no entanto, somente há pouco mais de trinta anos é que o fato começou a ser estudado do ponto de vista psicossocial e científico, e recebeu denominação específica. No entanto, historicamente, o *bullying* é antigo e transformou-se numa questão social extremamente preocupante gerando insegurança, especialmente na comunidade escolar e as soluções apresentadas até hoje são paliativas sem preocupação com a melhoria das relações interpessoais que deveriam ser desenvolvidas através de estratégias socioeducativas em um esforço sistemático para intermediar o problema existente entre agressor e vítima. Sendo de grande importância conhecer as outras formas de *bullying*, que estão muito presentes no cotidiano e a sua classificação. Dreyer (2005) reflete que além de causar danos cruéis, o *bullying* está disseminado em todas as escolas, tanto públicas como privadas e seus comportamentos característicos tendem a aumentar rapidamente com o avanço da idade dos alunos. Trabalhos internacionais têm demonstrado que a prática do *bullying* pode ocorrer a partir dos três anos de idade, quando a intencionalidade desses atos já pode ser observada.

Conforme afirma Lopes Neto (2005), outra forma de *bullying* também muito presente e violenta é a que se dá através dos meios de comunicação, em especial a Internet, segundo Colovini e Costa (2007), o FACEBOOK é o principal meio virtual de agressões, ridicularizações, fofocas e outros modos de *bullying* entre os jovens. A essa modalidade de

agressão, dá-se o nome de *CyberBullying* ou *Bullying* Virtual, como abordado por Lopes Neto na reportagem exibida pela Rede Globo, no Fantástico, dia 29 de abril de 2007, e explicado por Lopes Neto (2005). Comunicação acaba se tornando um fato de risco econômico social e cultural e nesta perspectiva é de relevância entender a sua classificação.

Lopes Neto (2005) apresenta como *bullying* direto, quando as vítimas são atacadas diretamente por meio de apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos, são atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos ou indireto quando estão ausentes, por meio de atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, adotados especialmente pelas meninas. Conhecendo a classificação do *bullying* faz-se importante ressaltar uma clara diferença entre o mais forte, que comete a agressão e o mais fraco, que tem dificuldade de quebrar a relação desigual de poder.

De acordo com Fante (2008) o *bullying* na escola pode acontecer de várias formas dentre elas estão:

- O *bullying* verbal é as práticas de insultar, ofender, falar mal, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, "zoar" físico e material, bater, chutar, entre outros.
- O *bullying* de forma psicológico, ocorre quando o agressor irrita, humilha e ridiculariza, exclui, isola, ignora, despreza ou faz pouco caso, difama, domina, chantageia e intimida a vítima.
- O *bullying* sexual acontece quando a vítima é abusada, violentada e assediada. Esse tipo de comportamento costuma ocorrer entre meninos meninas, e meninos. Não raro o estudante indefeso é assediado e/ou violentado por vários "colegas" ao mesmo tempo.
- O *bullying* virtual é também conhecido como *ciberbullying*, acontece por meio de aparelhos e equipamentos de comunicação (celular e internet) que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências contra a vítima como zoar, discriminar e difamar.
- O *bullying* homofóbico ocorre contra os homossexuais, é o ato de submeter homossexuais a chacotas, humilhações, ameaças, perseguições e exclusões sociais dentro ou fora das escolas.

Pode-se enfatizar que a relação de poder dentro da escola, surge de problemas que acontece no seu cotidiano, muitos não podem ser resolvidos, sem que sejam adotadas soluções coletivamente, pois quando não há um entendimento dentro da problemática da escola, acaba desencadeando o *bullying*, principalmente no ensino fundamental e médio. (Priotto, 2011). De acordo com dados trazidos no livro de Fante relata tópicos de desistência da escolar dos alunos

que sofrem *bullying*, esses relatos vêm de encontro com relatório que foi elaborado pela Secretaria de Educação Associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. (ABGLT):

- **Ausências e baixo rendimento:** Em relação ao desempenho, os estudantes que são alvos menos frequentem de preconceito relatam obter notas melhores do que aqueles que são vítimas da discriminação com mais intensidade. Os que relataram sofrerem agressões pela orientação sexual ou pela identidade ou expressão de gênero "nunca, raramente ou às vezes", cerca de 80% disseram ter recebido notas boas ou excelentes, entre 7 a 10 pontos. Os índices caem entre aqueles que sofrem agressões frequentemente ou quase sempre por orientação sexual (73,5%) e expressão de gênero (72,4%).
- **Suicídio:** A pesquisa constatou ainda que os estudantes LGBT que vivenciaram maiores níveis de agressão verbal devido à orientação sexual ou identidade de gênero tem probabilidade 1,5 vezes maior de relatar níveis altos de depressão. Alguns dos depoimentos de estudantes evidenciam também níveis mais baixos de autoestima e até mesmo desejo de cometer suicídio.
- **Falta de preparo dos professores:** Na avaliação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), para reverter esse cenário, é preciso que os professores tenham uma formação com conteúdo específicos voltados para a diversidade sexual e que haja materiais pedagógicos para promover o respeito a todos sem distinção de qualquer característica pessoal. Além disso, diz que são necessários canais para que os estudantes possam denunciar as agressões. Entre outras medidas, a associação pede políticas públicas e leis para combater a discriminação contra a população LGBT.

Neste contexto é importante considerar que a maioria dos atos de *bullying* ocorre fora da visão dos adultos, que grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida com isso pode-se entender porque professores e pais têm pouca percepção do *bullying*, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para redução e interrupção dessas situações. Ainda segundo Lopes Neto (2005), o *bullying* é mais comum entre os alunos com idades entre 11 a 14 anos, sendo menos frequente na educação infantil e ensino médio, e que entre os agressores há o predomínio do sexo masculino, enquanto que, no papel de vítima, não há diferenças entre gêneros. O fato de os meninos envolverem-se em atos de *bullying* mais comumente, não indica necessariamente que sejam mais agressivos, mas sim, que têm maior possibilidade de adotar esse tipo de comportamento.

No entanto a dificuldade em identificar o *bullying* entre as meninas pode estar relacionada ao fato de usarem formas mais sutis. Após traçar um panorama sobre o *bullying* nas

escolas, sobre a sua característica que é muito diversificada, uma vez que a mesma tem sua prática mascarada através da violência entre outros meios. A partir de tais afirmações cabe a tarefa de discorrer, e informar e situar o leitor quanto ao desenvolvimento e entendimento da pesquisa do tema aqui proposto.

5. ANÁLISES DO PERFIL PSICOLÓGICO DO SUJEITO: PRÁTICA O *BULLYING* NA ESCOLA

A fim de evitar situações de *bullying* escolar, é fundamental que se estabeleça uma série de estratégias focalizadas na prevenção do *bullying* dentro da educação formal. Segue características abaixo:

Consequências do Agente:

Vítima

- Insucesso escolar e absentéismo
- Ansiedade, stress, depressão.
- Baixa autoestima e insegurança.
- Rejeição pelo grupo de pares.
- **Agressores** - Aumento da agressividade

pode desencadear a exclusão social

- Insucesso escolar.

Espectadores - Medo de Serem Vítimas

- Fenômeno do contágio (eles se tornam agressores).
- Atitude de indiferença.

Para realizar o acima exposto, é importante trabalhar com o grupo de pares, o departamento de orientação, professores e famílias. Estas são algumas propostas:

a) Comunicação entre profissionais: É primordial que a escola capacite e de estrutura para que os professores da escola comuniquem sobre as agressões que ocorrem na sala de aula. Desta forma, será possível observar se estas agressões são constantes ou pontuais, e desta forma, tomar as medidas correspondentes e cabíveis.

b) Assembleias de grupo: A realização de assembleias de grupo é uma estratégia muito importante, pois através dela os professores e seus alunos podem estipular democraticamente uma série de regras de convivência dentro da sala de aula. Tendo-os levado a cabo de forma consensual, os alunos sentirão que têm maior responsabilidade por eles.

c) Aprendizagem cooperativa: Outra estratégia muito útil é a aprendizagem cooperativa, já que através dela os alunos podem interagir e aprender uns com os outros. É importante que,

neste momento, o tutor realize os grupos, uma vez que, se houver alguma situação de assédio, eles podem deixar a vítima de lado e isso agravaria a situação.

Em relação ao *bullying* homofóbico, a UNESCO (2015) define-o como "um tipo específico de violência, comum no contexto escolar, que visa às pessoas por causa de sua orientação sexual percebida ou real e/ou identidade de gênero". Estes termos (*bullying* e *bullying* homofóbico) têm em comum que eles se expressam tanto através de agressões físicas como verbais, há também ameaças do agressor e, portanto, a pessoa que é atacada entra em um ambiente de exclusão. Estes atos são repetidos com frequência e são persistentes. A intenção do agressor é causar danos, tanto físicos, emocionais e sociais. Em relação entre o agressor e a pessoa agredida, é de notar que se trata de uma relação de natureza desigual.

Pichardo (2015) destaca características sobre o *bullying* homofóbico:

- "Invisibilidade da diversidade na orientação do desejo". Isso se refere à falta de informação sobre diferentes orientações sexuais, já que muitas delas continuam sendo tabus.
- "A condição sexual 'diferente' é particularmente perigosa por ser um fator de risco 'transferível'". Com isso, pode ser codificado que a pessoa que defende a vítima de assédio será "acusada" pelos agressores de ser homossexual. Isto torna difícil obter ajuda dos colegas para parar o assédio.
- "As vítimas podem temer tornar a sua condição sexual mais evidente se chamar a atenção para o seu caso quando o denunciam".
- "Estudantes LGBT questionadores muitas vezes não têm modelos no seu ambiente com quem se identificar ou com quem se aliar para se protegerem".

Portanto, a educação formal tem a necessidade e o dever de impedir que esses dados de *bullying* continuem aumentando, já que as escolas devem ser um espaço livre de discriminação, ambiente onde todos os estudantes se sintam seguros e possam se expressar livremente. Isto é muito importante porque, desde a infância até entrarem no mundo do trabalho, as crianças e os jovens passam a maior parte do seu tempo na sala de aula, e é lá que aprendem o que é aceito e o que não é aceito dentro da sociedade. Portanto, é essencial detectar quais situações podem resultar neste problema. Para realizar o acima exposto, é fundamental que haja mais informações sobre o tema sexualidade, que esta temática seja transmitida, e logo debatida de forma comum, sem ridicularizar, ou estigmatizar. Outro sim é importante ter ciência e saber do que está trazendo e englobando ao embasamento teórico e quantitativo, a partir desse ponto a

educação formal, poderá argumentar sobre a diversidade sexual e o fato de que existem muitas orientações sexuais igualmente válidas àquelas pré-estabelecidas pelo modelo heterossexual de sexualidade.

Dentro deste aspecto, também é vital pôr fim aos estereótipos e preconceitos que existem sobre o coletivo LGBT, já que a sociedade os eliminou em grande parte, mas alguns ainda estão latentes. Tudo isso mencionado acima tem grande relevância nas salas de aula, pois, como já vimos, é o espaço onde ocorrem mais casos de *bullying* LGBT. Para isso, PICHARDO (2015) enfatiza que quando se fizer discussão sobre o tema é de bom tom levantar uma série de recomendações dirigidas a esses profissionais para detectar e deter possíveis casos de assédio:

- Abordar o preparo e formar os atores da escola, e assim explorar entendimento sobre as questões de sexualidade e orientação sexual. É muito importante que estas questões sejam trabalhadas, pondo um fim aos mitos e estereótipos existentes;
- Usar linguagem não sexista;
- Faça grupos em que o sexo não seja o critério. Um exemplo de fazer grupos pode ser de acordo com o mês de nascimento, ordem alfabética ou que seja por afinidade;
- Mostrar como a homofobia ocorre através da linguagem, por exemplo, em insultos como "Viado" ou "bicha" é pejorativo;
- Mostra situações e comentários homofóbicos ou provocações, para o grande debate;
- Mostrando empatia;
- Discutir na aula quais podem ser as consequências do *bullying*;
- Gerar um clima de segurança para todos os estudantes que são LGBT;
- Para permitir demonstrações de afeto entre o grupo LGBT, bem como de casais heterossexuais;

De acordo com uma análise apresentada ao jornal Folha de São Paulo⁶ escola ainda é um ambiente bastante hostil para muitos alunos. 68% dos jovens LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) entre 13 e 21 anos declaram já ter sido agredido verbalmente na escola por causa de sua orientação sexual. Já as agressões físicas atingiram 26,6% dos estudantes LGBT brasileiros. Devido à violência, 60% se sentiam inseguros no ambiente educacional no último ano por causa de sua orientação sexual. Diversidade sexual que há atualmente nela parte de uma abertura de espírito muito relacionada com o momento histórico

⁶ Disponível no site: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/11/1834166-73-dos-jovens-lgbt-dizem-ter-sido-agredidos-na-escola-mostra-pesquisa.shtml>, acessado no dia 21/03/2020 às 20 horas.

de democracia e liberdade que estamos a viver. Apesar desta liberdade com a que contamos, vemos que em parte da sociedade ainda há o fato de não aceitarmos tudo o que vai além da dicotomia (masculino/feminino) que existe.

O *bullying* é uma ação violenta gratuita e recorrente, baseada no desequilíbrio de poder. É a intencionalidade de fazer mal através da violência, por meio da desestabilidade emocional das vítimas na busca por sucesso, fama e poder a qualquer preço, o apelo ao consumismo, à competitividade, ao individualismo, ao autoritarismo são fatores que vêm preocupando toda comunidade escolar por ser uma forma de agressão que atinge não só de forma física, mas também psicológica, tanto as vítimas como também as testemunhas e os próprios agressores, que segundo Fante (2005), são chamados *bullies*. Estudos adicionais feitos pela mesma pesquisadora nos anos de 2002 e 2003 relatam que enquanto a inveja e o ressentimento podem ser um dos motivos para a prática do *bullying*, ainda assim há pouca evidência que os agressores sofram de qualquer déficit de autoestima. Fante (2005) relata ainda que o contato com a violência durante a infância coloca a criança em risco de apresentar comportamento criminoso e/ou violência doméstica na idade adulta, uma vez que a mesma vivência e se influência enquanto cresce em um ambiente com violência doméstica constante, convivendo com agressões dos mais variados tipos e formas, tais como: insultos; acusações; ataques físicos repetidos, etc. Para a autora, ao crescer em um ambiente hostil, é possível a construção de traumas que supostamente poderão levar a pessoa a vir a ser um *bullie* (agressor).

Assim como os autores de tal violência que em sua maioria são pessoas que viveram em famílias desestruturadas com pouco relacionamento afetivo e a falta de atenção na supervisão por parte de seus pais, é também bem comum este comportamento agressivo ou explosivo na solução de conflitos por parte de quem pratica o *bullying*, que em tese só está repetindo este comportamento antissocial em sua adolescência porque já sofrera em sua infância. Também podem ser observados alguns sinais comportamentais como: a não adaptação a regras, insegurança, dificuldade para fazer amizades, provocação de brigas por onde passa e intimidação, para que todos façam sua vontade. Com a conivência do grupo e a omissão dos adultos, os “valentões” tendem, cada vez mais, a abandonar sentimentos de generosidade, empatia, solidariedade, afetividade, tolerância e compaixão. As vítimas são os alunos que estão em franca desigualdade de poder, seja por situação socioeconômica, idade, porte físico ou até porque numericamente estão desfavoráveis. Além disso, as vítimas, de forma geral, já apresentam algo que as diferenças do grupo (são tímidas introspectivas consideradas “nerds”,

com alguma característica marcante como magros (as), gordinhos (as), raça ou orientação sexual diferente). Este fato por si só já as torna vulneráveis aos ofensores. Não há justificativas plausíveis para a escolha, mas certamente os alvos são aqueles que não conseguem se defender das agressões sofridas.

O *bullying* no ambiente escolar acontece geralmente durante o período do recreio escolar. É neste intervalo que a criança interage com mais intensidade com os seus pares, desenvolve sentimentos de amizade que implicam ajuda e aceitação mútua, bem como inimizades que, por vezes, desencadeiam comportamentos de alguma agressividade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de reflexões acima citada, torna-se necessário, nesse momento, que nós, professores e professoras, passemos a questionar nossas práticas e atitudes, muitas vezes naturalizadas no cotidiano escolar; a duvidar, questionar e problematizar algumas “verdades” sobre as sexualidades e gênero. A pretensão em trazer algumas questões que implicam desvelar os processos de negação do direito à educação a pessoas LGBT, aonde muitos sofrem *bullying* consiste em contribuir para as reflexões acerca da função social da escola e dos/as educadores/as no que diz respeito ao enfrentamento de preconceitos e discriminações por orientação sexual. Assim, podemos reconhecer com análises do artigo podemos constatar que existem práticas preconceituosas, denominadas homofóbicas e/ou heterossexistas que ferem a dignidade de seres humanos dentro e fora da escola. Lembramos também que podemos dizer que são práticas orientadas pela matriz heterossexista presente nas configurações sociais da educação. Essas práticas, orientadas por discursos sedimentados historicamente e repetidos no cotidiano, promovem a exclusão da população LGBT dos direitos de cidadania, constituindo um grave problema a ser enfrentado na educação e na democratização da sociedade brasileira.

Exige muita atenção, já que estamos inseridos em um estado de direito, que nos proporciona liberdades específicas, incluindo a liberdade de escolher a nossa condição sexual. É acertado, portanto, educar os adolescentes para respeitar os outros, não só no nível da diversidade sexual, mas também para respeitar todas aquelas pessoas que se desviam da "norma", do que é preestabelecido como "mau", "estranho" ou "inadequado".

O trabalho buscar retratar e prevenir e reduzir o assédio, esta rejeição existente em relação ao coletivo LGBT deve-se em grande parte aos preconceitos e estereótipos herdados de uma sociedade arcaica, pelo que também é necessário evitar a aprendizagem destes estereótipos. Alguns dos aspectos que podemos realizar para evitar isso são: evitar linguagem depreciativa, proporcionar educação sexual que não se concentre apenas nas relações heterossexuais. Da mesma forma, é muito importante que as escolas e o grupo diretivo delas se envolvam no combate à homofobia e treine seus profissionais sobre a questão LGBT, uma vez que os adolescentes sentem que quase não recebem nenhuma informação sobre este grupo. Estes últimos podem também influenciar a sua aceitação da sua orientação/identidade sexual, já que a veem como algo ainda não normalizado e, portanto, podem sofrer assédio na sala de aula, assim reverter os efeitos psicológicos a partir de palestras e *workshops*, destinados a aumentar a percepção e conscientização a fim de prevenir a homofobia. Da mesma forma, podemos lidar com a educação sexual e social de uma forma transversal.

Espero que esta pesquisa permita colocar em prática, pela rede educacional desenvolver competências para desenvolver durante as diferentes tarefas educacionais para a qual o sistema que é a Secretaria de Educação do Estado do Paraná, criar formações continuadas aos educadores para aplicar no meio escolar, para desenvolver um trabalho pedagógico com essa temática com o objetivo de ajudar no processo de socialização e desenvolvendo intervenções educativas e, desta forma, promover a mudança e transformação social no meio escolar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABGLT- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

CALHAU, L. B., *Bullying* - O que Você Precisa Saber. 2. Ed. São Paulo: Impetus, 2005.

COLOVINI, C. E; COSTA, MARA R. N. Da. **O Fenômeno *Bullying* na Percepção dos Professores.** Disponível em:

<<http://www.paroquiadapazguaiba.com.br/Arquivos/CristianColovini/ArtigoBullyingCristian.pdf>>. Acessado em: 10 out. 2020.

DREYER, D. A **brincadeira que não tem graça**. In: **Portal Educacional, 2005**. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/reportagens/Bullying>>. Acesso em: 31 out. 2020 .

FANTE, C., **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, C; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GADOTTI, M. **Escola Cidadã**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: ATLAS S.A, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LOPES N., A. A. **Bullying. Comportamento Agressivo Entre Estudantes**. J. Pediatria, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, supl. 2005. Anuário Foz do Iguaçu, 1997.

MOLINA, C. e ANTIQUINO, L. (2017). **Sexo sentido, sexo vivido**. Lisboa Portugal: Editorial Planeta, S.A.

GENERELO, J. (2007). **Sem Complexos, guia jovem**. Barcelona, Espanha: Editorial Egales S.L.

PICHARDO, J, (2005). **Atitudes em relação diversidade sexual da população adolescente**. Acessado no dia 27/11 de 2020 às 21 horas. Pelo link: <http://www.felgtb.org/rs/467/d112d6ad-54ec-43b-9358-4483f9e98868/c11/filename/adolescentes-ante-la-diversidad-sexual2.pdf>

PICHARDO, J,Stéfano, M., Faure, J., Sáenz, M. y Williams, J, (2015). **Abraçando a diversidade: Proposta para uma educação livre de assédio homofóbico e transfóbico**. Acessado no dia 27/11 de 2020 as 21 horas. Pelo link: https://www.msssi.gob.es/ssi/igualdadOportunidades/noDiscriminacion/documentos/Abrazar_la_diversidad_v_d.pdf.

PRIOTTO, E. P. **Violência Escolar**: Políticas Públicas e Práticas Educativas no Município de Foz do Iguaçu. Município UNIOESTE, 2011.

ROLIM, M. **Bullying Pesadelo na Escola**. São Paulo: Dom Quixote, 2010.

SOUZA, J.S.; ARAÚJO, R. **Trabalho, Educação e Sociabilidade**. Maringá/PR: Práxis, 2010.

UNESCO, **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura** Programa Mundial para Educação em Direitos Humanos. Paris, 2017.